



"O qual (Jesus Cristo) convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:21).

A **Editora Restauração** é uma entidade sem fins lucrativos criada com o propósito de bem utilizar os recursos de comunicação disponíveis para publicar todo tipo de material que seja útil à restauração e edificação da Igreja de Jesus Cristo.

O sustento espiritual e material desta entidade depende exclusivamente das orações e doações feitas pelos santos que forem tocados pelo Senhor para contribuírem com este ministério.

O material publicado pela Editora Restauração é isento de reserva de direitos autorais estando, portanto, desde já liberado para a reedição e reprodução por qualquer pessoa que deseje participar deste trabalho.

Agradecemos a Deus por nos confiar este importante ministério, que certamente contribuirá com a preparação da Noiva para a vinda do Rei e Senhor Jesus Cristo.

O Editor.

www.editorarestauracao.com.br

J.C. METCALFE



HÁ UM COMBATE A SER COMBATIDO!

ESTE LIVRETO MOSTRA QUE TODO CONVERTIDO A
DEUS DEVE TER UMA CONSCIÊNCIA DE CONFLITO

Traduzido do estudo Bíblico: "There's a fight to be fought!"
Autor: J.C.Metcalf - Inglaterra
Publicado pela: The Overcomer Literature Trust

A EDITORA RESTAURAÇÃO publica a revista quadrimestral

O VENCEDOR

1ª Edição
Curitiba – Setembro 2005

Esta revista é a versão na língua portuguesa da "The Overcomer"
publicada na Inglaterra desde 1909 e fundada pela
Sra. Jessie Penn-Lewis.

Este livreto é de distribuição gratuita.
Liberada a reprodução parcial ou integral.

Sua distribuição é gratuita a toda pessoa interessada em seguir o
caminho do crescimento na graça e no conhecimento do
Senhor Jesus Cristo.

Correspondências devem ser enviadas para:
EDITORA RESTAURAÇÃO
CAIXA POSTAL 1945
CEP 80-011-970 – CURITIBA – PARANÁ – BRASIL
editor@editorarestauracao.com.br

Os pedidos de assinatura podem ser feitos pelo endereço da
Editora Restauração ou pela internet
ovencedor@editorarestauracao.com.br

PREFÁCIO DO EDITOR

Em quase todos os países do mundo há uma lei que prevê o alistamento militar para todo cidadão do sexo masculino, e somente estão aptos para prestarem o serviço militar aqueles que completaram a maioridade.

Na vida espiritual não é diferente, somente os maduros estão aptos para se alistarem para o combate espiritual. Devemos notar que no caso do serviço militar há uma idade física estabelecida acima da qual o homem poderá se alistar. Mas no campo espiritual a idade física não conta, o que conta é a maturidade no conhecimento experimental de Deus e de Sua Palavra. Alguns crentes, mesmo depois de muitos anos depois de nascerem de novo, ainda não estão aptos para se alistarem para o serviço cristão de combater o bom combate por Cristo. Não é o tempo de conversão que conta na idade espiritual.

Na verdade todos são chamados para o combate, mas poucos estão preparados para ele. Este certamente é motivo principal do grande fracasso que vemos na cristandade de nossos dias. Há muita conversão pela pregação do Evangelho, mas entre todos os convertidos poucos são os que buscam amadurecimento para então poderem se alistar no combate espiritual.

Neste livreto o irmão Metcalfe apresenta três considerações importantes no combate espiritual. Em primeiro lugar todo aquele que deseja realmente um amadurecimento em Cristo precisa reconhecer que há um combate interior a ser enfrentado logo depois que nascemos de novo. Não há como escapar dele. Em segundo lugar, quando já avançamos um pouco no combate interior, vamos nos depara com o combate exterior. Estar disponível para o serviço cristão e abraçá-lo com todo empenho, é realmente um grande combate a ser combatido. Tanto no campo ministerial como na oração e interseção há um combate invisível que bem poucos querem enfrentar. Estar comprometido com o serviço cristão é muito mais do que apenas falar em reuniões da igreja; dar cursos para grupos especiais de crentes; prestar alguns serviços aos irmãos. É estar cooperando com o Deus na preparação de um povo que expressa a vida de Seu Filho, Jesus Cristo. E, finalmente, em terceiro lugar é preciso que tenhamos consciência dAquele que está ao nosso lado em todo combate. Ter o Homem certo ao nosso lado é fundamental em todo combate. Somente na companhia do Senhor que nos ampara, sustenta e fortalece, é que podemos permanecer firmes nos dias difíceis da batalha espiritual.

Meu desejo é que este pequeno estudo sobre a batalha espiritual, tão importante para a restauração da igreja, seja útil a todos os irmãos que buscam o interesse do Senhor nestes dias – preparar a Noiva de Cristo.

Que Deus nos abençoe e nos conduza nesta grande tarefa.

Amém

HÁ UM COMBATE A SER COMBATIDO

Por: J.C.Metcalfe

1. *NASCIDO NO CONFLITO*

Enquanto virava as páginas de uma revista por acaso encontrei um artigo sobre o poeta William Blake, no qual seus escritos eram comparados com os dos psicólogos modernos. Estava particularmente interessado em uma das afirmações do escritor. “A alma de todo homem”, disse ele, “exceto as dos santos está em estado de desintegração; a maioria de nós é inconsciente deste conflito, exceto nos momentos de tensão e em nossos sonhos...” Assim que li isso veio a mim com uma nova força o fato de que um infalível sinal do surgimento da nova vida em alguém convertido a Deus pela fé em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é uma consciência de conflito. O coração do homem é um grande campo de batalha entre certo e errado, luz e trevas, Deus e Satanás, e o cristão tem o sentimento muito real de alguém que nasceu em uma batalha que só terá fim com sua entrada final na presença imediata de Deus, quando sua vida for deixada para traz.

Conta-se a história de um alto dignitário da Igreja, que foi ‘atacado’ por um obreiro entusiástico ao ar livre. “Senhor!” foi a pergunta feita, “Você encontrou paz?” “Não!”, veio a resposta imediata, “Encontrei guerra!” Ambos estavam certos; pois enquanto é gloriosamente verdade, e deveria ser proclamada inequivocamente em todo púlpito que: “sendo justificados pela fé, temos paz com Deus pelo nosso Senhor Jesus Cristo”, igualmente é verdade que do começo ao fim o Novo Testamento revela o implacável combate contra inimigos cruéis, tanto interiores como exteriores, que todo cristão deve enfrentar, os quais ele pode vencer pela graça.

Em primeiro lugar devemos tentar descobrir o que a Escritura tem para nos ensinar sobre o conflito interior. Romanos 7 descreve uma condição interior que é familiar a todos nós. “Acho”, escreve o apóstolo, no verso 21, “... esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo”. Nos versos 22 e 23 ele continua: “Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros”. A palavra grega traduzida por ‘batalha’ aqui é muito forte, e sugere uma idéia da concentração de forças ‘integralmente’ em um ataque. Não é esse um dos maiores problemas que a obra de Deus enfrenta hoje? Muitos de nós “temos prazer na lei

de Deus” como proclamado nos púlpitos e plataformas, mas falhamos completamente na aplicação daquilo que ouvimos à realidade da vida.

Orar, por exemplo, freqüentemente é o assunto de mensagens e leituras bíblicas, mas, falando claramente, a igreja não ora. O ganhar almas é um tema que regularmente aparece nas listas das nossas conferências evangélicas e em teoria todos nós admitimos nossa responsabilidade nesta direção, mas há uma carência de obreiros, que estejam preparados a darem a si mesmos em serviço sacrificial para que outros possam ser ganhos para Cristo. A maioria de nós gosta de ouvir pregações que acentuam um padrão elevado de vida santa, e não se opõem muito ao sentir ‘uma pequena convicção’ pela fala franca sobre a necessidade de ‘por em ordem a casa’, mas o fato alarmante é que há pouca diferença notável entre a atitude da vida do crente evangélico, e a do ‘mundano’ que ele secretamente despreza. Seria fácil de ir acumulando evidências do mesmo tipo, mas certamente foi dito o suficiente para mostrar que em muitos corações ‘cristãos’, e na igreja como um todo, toda a força do mal na natureza caída está empreendendo indubitavelmente, e ainda que muito inutilmente, uma próspera campanha contra a salvação, a obra de santificação do Espírito Santo de Deus.

No caso de Paulo, e o que foi verdade para ele é com certeza igualmente verdade para todo aquele que está determinado a ‘prosseguir com Deus’, a batalha alcançou o ponto de desespero antes de vir a libertação, e o caminho da vitória ser revelado. “Miserável homem que eu sou!” ele clama, “quem me livrará do corpo desta morte?” É um clamor real de agonia, mas é seguido imediatamente pelo grito de triunfo. “Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor! De modo que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado” (Rm 7:24-25). É verdade que somente o santo conhece o antídoto para o poder desintegrador do conflito interior, Jesus Cristo “o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Co 1:30). Não é de se admirar que Paulo conte aos efésios: “Por esta razão dobro os meus joelhos perante o Pai do qual toda família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações, a fim de que, estando arraigados e fundados em amor” (Ef 3:14-17). A voz que acalmou os ventos e as ondas do mar da Galiléia é a única voz que pode silenciar a turbulenta disputa, que às vezes se levanta tão poderosamente no peito humano.

Outras passagens da Escritura contam a mesma história da batalha interior da vida cristã. Tiago, por exemplo, escreve: “Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?” (Tg 4:1). Ele coloca seu dedo bem aqui na raiz da causa da trágica desunião tão comum entre os cristãos de nossos dias. É

perfeitamente natural para você e para mim nos colocarmos em nossa dignidade; sentir que sempre estamos certos; ceder para alguma onda ascendente de partidarismo que nos leva a tomar posição por uma parte em nossa igreja contra outra; ou em nos ligarmos ao nosso ‘mestre’ favorito, e dar cacetadas em todos os demais a seu favor. O veredicto de Paulo em tudo isso é sucintamente devastador. “Porquanto ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja e contendas, não sois porventura carnis, e não estais andando segundo os homens?” (1 Co 3:3). Aqueles que professam maior conhecimento das mais profundas verdades da Escritura, freqüentemente são os maiores pecadores a esse respeito. Por serem cegos para as “concupiscências que batalham em seus membros”, eles colocam a culpa em outros; nas circunstâncias; em Satanás; no crescimento do mal nos dias em que vivemos; em qualquer e todas as coisas menos em si mesmos. Dominam por sua própria carnalidade, seu ponto de vista é de perpétuo criticismo, sua presença uma causa contínua de atrito, e se tornam inconscientemente, mas inevitavelmente, o mais potente obstáculo para a expansão do Evangelho no mundo. Aqui mais uma vez a única cura está na Pessoa de um Salvador Vivo, que é o autor da paz e da harmonia, e que torna inoperante o poder da velha natureza. “Estou crucificado com Cristo; vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim...” (Gl 2:20), é o ato de Deus sobre o qual Paulo descansa para sua libertação, o qual é também poderoso hoje quando aplicado na prática em sua e minha vida.

Pedro também tem sua contribuição para dar neste assunto. No segundo capítulo da sua primeira epístola escreve com ardente eloquência do elevado privilégio do chamamento cristão: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (verso 9). Então segue um chamado para a vitória no conflito mais íntimo: “Amados, exorto-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências da carne, as quais combatem contra a alma; tendo o vosso procedimento correto entre os gentios, para que naquilo em que falam mal de vós, como de malfetores, observando as vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação” (versos 11-12). Nem ele nos deixa sem também apontar o caminho do triunfo certo. “Levando ele mesmo os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro, para que mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados. Porque éreis desgarrados, como ovelhas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas” (versos 24-25). Uma vez mais a presença do nosso glorioso Salvador, e nossa união com Ele em Sua morte e ressurreição mostram ser as chaves para triunfar no conflito interior que assola nosso coração.

Não há nada de novo em tudo isso. Estamos em um campo familiar. Mas a aplicação diária da verdade em nosso viver é um fator essencial e de freqüente

perda. Não vamos relaxar nossa vigilância, o inimigo para dentro dos portões nunca é tão perigoso quanto quando aparentemente inativo. Devemos procura-lo, busca-lo, pedir ao Espírito Santo para derramar a luz da Sua presença no mais íntimo recesso da nossa natureza, onde poderemos encontra-lo fortemente entrincheirado em lugares não suspeitos. Não devemos nos surpreender com qualquer mal interior que possamos ver, nem o deixar causar nossa ruína por recusarmos em reconhecê-lo. Não precisamos temer. John Newton aprendeu o segredo de uma absoluta confiança na graça salvadora, e escreveu com um coração íntegro: “Ainda que o pecado me enchesse com aflição, ao trono da graça ousaria me dirigir, pois Jesus é a minha Justiça”. Que verdadeiramente maravilhoso Salvador nós temos!

O quadro não estaria completo sem alguma referência aos inimigos externos, que têm uma aliança tão chegada e profana com os internos. O homem, que nestes dias fecha os olhos para os poderes das trevas, é culpado de grosseira tolice. Todo cristão é um objeto da cruel hostilidade de Satanás, e de todas as suas hostes. Nenhum homem pode escapar das garras dos ‘bens deste mundo’ sem uma batalha implacável. Nenhum homem pode se tornar alguém através do qual Cristo se manifesta neste mundo sem a persistente oposição aos espíritos do mal.

A grata palavra usada em Efésios 6:12 para descrever este conflito é significativa. É a palavra técnica para uma luta disputada na arena, a respeito da qual o léxico dá a seguinte nota explanatória: “O lutador tinha que derrubar seu adversário virando-o, ou passando-lhe uma rasteira, e então mantê-lo caído”. Constantemente o inimigo se esforça para nos derrubar. Se ele não pode nos virar para um extremo, ele procurará nos virar para o oposto. Se ele não pode nos manter indiferentes, ele nos tornará fanáticos. Não há limite para o seu arsenal de enganos. Mais uma vez ele vigiará constantemente para nos apanhar em alguma conversa tola, em alguma ação precipitada, imprudente, alguma obra pecaminosa, e quem está ali entre nós, quem não está, mais freqüentemente do que nos preocupamos em admitir, pega uma queda. Ele não deve, porém, nos manter para baixo. O Cristão¹ de Bunyan no Vale da Humilhação foi levado até o ponto mais baixo, mas não foi por muito tempo até que se colocou sobre seus pés novamente; Apoliom² se pôs a voar, e a peleja foi vencida para o encorajar em sua peregrinação. Qual é o segredo da vitória aqui? Uma vez mais, é Cristo. “Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6:10). Cada peça das armas nos versos seguintes fala de Cristo. Habitado por Ele pelo Espírito, revestido dEle, e ligado a Ele, sentado triunfante à “direita da Majestade nas alturas”, podemos aprender o caminho da vitória, e se precisamos de

¹ Personagem central do romance “O Peregrino” de John Bunyan (1628-1688).

² Personagem do romance que caracteriza Satanás.

restauração no caminho, João nos mostra o equilíbrio disso muito claramente. “Meus filhinhos”, ele diz, “estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados...” (1 Jo 2:1-2). Podemos ser constantemente vitoriosos nEle, mas se somos enganados e derrubados, podemos ter restauração imediata, e nos levantar para lutar com renovado propósito e vigilância através do poder purificador do “sangue do Cordeiro”.

Deve ser claramente entendido que é totalmente impossível batalhar por outros até que o problema do conflito em nossa própria vida tenha sido resolvido com sucesso. Não podemos tentar remover o cisco do olho do nosso irmão, quando há uma trave no nosso. E ainda mais, muitas das nossas atividades evangélicas são uma forma inconsciente de escapismo da realidade deste conflito; uma mera fonte de satisfação, mais do que uma ocasião para ganhar um genuíno entendimento do caminho da vitória. Por esta razão o derrotado e desalentado intruso não vem a nós. Instintivamente ele sabe que não estando nosso próprio conflito resolvido temos pouco para oferecer a ele, e assim calmamente nos faz descer cada vez mais fundo em um pântano de fadiga e indiferença negligentemente cínica.

Posso ser perdoado por fechar com algumas questões ásperas? Como está o seu próprio conflito pessoal? Se você está profundamente consciente dele isso é saudável. Isso significa que o Espírito está trabalhando profundamente no seu coração. Você ainda pode dizer, entretanto, “Agradeço a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”? É o testemunho de John Newton, nos verso final do seu hino já citado, também seu brado de batalha? “Contra mim a terra e o inferno se combinam; mas ao meu lado está o Poder Divino; Jesus é tudo, e Ele é meu”.

2. CONFLITO EM TODO O CAMINHO

Eu estava justamente relendo o episódio no Peregrino onde Cristão³ visita o Intérprete e vê entre outras coisas a visão da porta fortemente guardada, e enquanto “um grande ajuntamento de homens, todos desejosos de entrar, mas nenhum ousava fazê-lo”, pois temiam os homens que “trajados de armaduras, barravam a passagem...”, viu um homem de semblante bem resoluto aproximar-se do que estava escrevendo e disse: ‘Anoto o meu nome, senhor’”. O serviço cristão tem sido sempre um conflito, e devemos nos engajar nele neste mesmo espírito, ou seria muito melhor deixarmos como está.

Eu quero, em conexão com isso, estudar a palavra grega usada, tanto quanto pudemos descobrir, oito vezes no Novo Testamento. É a palavra ‘agonizomai’ cujo principal significado é ‘competir por um prêmio em um jogo’.

³ Personagem central do romance “O Peregrino” de John Bunyan (1628-1688).

Paulo a usa seis vezes em suas epístolas em referência direta ao serviço cristão. Nós as tomaremos na ordem em que elas ocorrem.

A primeira vez que ele usa a palavra é em 1 Coríntios 9:25. Ele estava explicando que para ele o pregar o Evangelho não é no sentido de uma profissão ou ocupação, ou até mesmo de um trabalho voluntário de caridade, mas uma obrigação. "Pois, se anuncio o evangelho... estou apenas incumbido de uma mordomia" (versos 16-17). Para cumprir essa obrigação ele está preparado para ir aos finalmentes, até o ponto de dizer: "Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns" (verso 22). Então ele prossegue para estabelecer o padrão da autodisciplina necessária no ministério do Evangelho: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só é que recebe o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. E todo aquele que luta, exerce domínio próprio em todas as coisas; ora, eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível. Pois eu assim corro, não como indeciso; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à submissão, para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado" (versos 24-27).

Isso levanta toda a questão de nossa atitude nos dias de hoje para o treinamento para o ministério ou trabalho missionário. Não estamos inclinados a colocar muito mais esforço na aparência meramente acadêmica da pregação? O resultado é que o ministério, ordenado ou leigo possui muitos poucos homens que sejam equipados e disciplinados para se tornarem libertadores de almas. O uso do poder da alma para se mexer com a emoção, e conseguir "decisões" custa pouco, mas para se graduar nas fileiras daqueles que podem mostrar o caminho para a batalha contra o poder do pecado e das trevas custa tudo. A estes no começo do serviço cristão deve se colocar a dificuldade uma vez por todas. Estou eu desejoso de encarar a disciplina da obra da cruz em todos os aspectos da minha vida, para me tornar um servo fiel; para ser feito todas as coisas para todos os homens; para conduzir até meu corpo em sujeição? Estes são os irrevogáveis termos do alistamento no mais difícil, e ainda o mais honroso chamamento; e é também bom lembrar que tal nível de autodisciplina somente é alcançado por uma deliberada determinação intencional para ir em frente com ela. Satanás virá a nós assim como foi ao nosso Senhor mesmo com o apelo: "Tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso" (Mt 16:22), e se queremos viver e trabalhar para glória do nosso Pai Celestial, nossa resposta deve ser exatamente tão inflexível quanto foi a dEle.

A segunda vez que Paulo usa a palavra é em Colossenses 1:29. No verso 27 ele revela o verdadeiro significado do "mistério" que se tornou pleno para os homens no Evangelho "que é Cristo em vós, esperança da glória". No verso 28

ele define o objetivo da pregação, e penso que é oportuno incluir o escrever assim como o falar nesta categoria: "para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo". Que objetivo tremendo! Alguém que todos os poderes da natureza humana caída, e todas as sutilezas de Satanás e suas hostes concentrarão todo vigor para se opor. Todos nós podemos provavelmente ganhar algum tipo de 'seguidor', mas temos nós paciência para cortejar nossos oponentes, amavelmente instruir o obstinado, e ver a libertação do dominado pelo mal? Esta é a verdadeira norma do dom de evangelização, a coroa da supervisão pastoral!

"E para isso", Paulo continua, "também trabalho, lutando segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente. Pois quero que saibais quão grande luta tenho por vós". Aqui não estava o artista produzindo sermões, através dos quais poderia assegurar a reputação de ser um orador, um mestre da ciência das palavras. Aqui não estava o autor pensando cuidadosamente cada frase para que seu trabalho pudesse ser aclamado pelos críticos, e ter uma posição honrosa na prateleira da biblioteca. Aqui não estava o diarista, ou escritor de cartas que talvez mantivesse sua lembrança fresca entre os leitores das futuras gerações. Paulo pregava e escrevia sob a dominante influência de uma suprema paixão, em favor dos seus ouvintes e leitores, "para que os seus corações sejam animados, estando unidos em amor, e enriquecidos da plenitude do entendimento para o pleno conhecimento do mistério de Deus - Cristo" (Cl 2:2).

Para ele o ministério sempre significou conflito. Energizado pela poderosa obra do Espírito Santo, ele manteve seu objetivo em vista para todos com quem entrou em contacto "para lhes abrir os olhos a fim de que se convertessem das trevas à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que recebessem remissão de pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em Cristo" (At 26:18). O orgulho e os preconceitos do coração humano, apoiados por todos os principados e potestades das trevas continuamente os vestia contra ele. Mas com ele as palavras eram armas, e a pregação uma operação militar. Ouça sua confiança nos seus armamentos dados por Deus. "Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne", ele bradou, "pois as armas da nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas; derribando raciocínios e todo baluarte que se ergue contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo" (2 Co 10:3-5).

C.A.Fox, vivendo e trabalhando na sucessão dos pregadores batalhadores, escreveu: "Aquele sermão que deixa seus ouvintes docemente serenos como um lago liso que reflete a si mesmo, é uma injúria para a Igreja de Deus". Ele está certo, o mero entregar ou ouvir uma mensagem não tem valor em si mesmo, mas pode somente empilhar condenação tanto para o orador como para o ouvinte. Os pecadores precisam ser erguidos e salvos, crentes precisam ser estabelecidos, santificados, e colocados para trabalhar. Paulo nunca estava

satisfeito até que pudesse ver “Cristo formado” em seus convertidos, e persistia em batalhar por eles através de todas as dificuldades até o fim. Nós não podemos nos dar ao luxo de estar facilmente satisfeitos.

Agora devemos voltar para Colossenses 4:12 onde se lê: “Saúda-vos Epafras, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, e que sempre luta por vós nas suas orações, para que permaneçais perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus”. Aqui somos apresentados para o conflito na oração. É útil notar que o lutador na oração desta passagem não era aparentemente um obreiro de alguma proeminência particular ou de dom de projeção. Ele era apenas um membro representativo da Igreja em Colossos, mas tinha aprendido uma lição raramente entendida, a técnica de lutar em oração.

Muito é dito e escrito tratando com vários aspectos da oração. Comunhão, intercessão, adoração têm acertadamente toda a cerrada atenção dos mestres cristãos, mas a lutar na oração é raramente falada, e é, de fato, uma idéia freqüentemente vista de soslaio como não sendo muito “ortodoxa”. Mas quais são os fatos do caso? A igreja é chamada para cumprir seu ministério salvador em um mundo que “jaz no pecado”. Não somente o homem não convertido é dominado de uma forma muito real pelos poderes das trevas, como obreiros em terras gentis são completamente cientes porque vêem suas garras em suas mais ostensivas formas; mas o cristão também é muitas vezes atacado com determinados assaltos do inimigo designados a despojá-lo da sua posição “em Cristo”, como a prevalecente apostasia em nossos dias também claramente prova a todos. O batalhador na oração luta no mundo invisível, e tocando diretamente o inimigo na obscuridade com a lâmina afiada da reluzente espada da Palavra de Deus, vê aqueles por quem luta não somente trazidos para Cristo, mas “para que permaneçam perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus”. Este lado importante da obra cristã necessita ser sensatamente estudado, então testado e aprendido na universidade da experiência prática. Existem muitos ministros do Evangelho, que dariam tudo para terem em sua congregação um bando daqueles a quem poderia apelar com estas palavras: “Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas vossas orações por mim a Deus” (Rm 15:30), e que pudessem entender e responder ao chamamento. Esta batalha na oração é uma das maiores necessidades se queremos ver hoje uma obra genuína do Espírito de Deus. Lembre-se sempre, também, que isso somente pode conduzir à vitória se for fundado no fato de que à direita de Deus está a Vitória do Calvário, Aquele que em Sua cruz fez uma exposição aberta dos poderosos principados e poderes do inferno, de outra forma nós somente expomos a nós mesmos para o contra ataque do inimigo.

Em 1 Timóteo 4:10, vemos o conflito cristão ligado à perseguição, que sempre prende os passos de toda testemunha fiel de Cristo. Este é provavelmente

um dos mais duros aspectos da batalha para se enfrentar. Encaminhar algum projeto com altas esperanças, e motivos puros, e então ter que aturar o mal entendido daqueles, que deviam ser nossos mais leais colaboradores. Desejar socorrer e encontrar somente rejeição se não oposição aberta; caminhar sozinho sentindo o gume afiado da desaprovação secreta daqueles que amamos; isso nos traz para um dos mais negros lugares nesta severa operação militar. E também, se a despeito destas coisas, ainda podemos nos conduzir à cruz, e manifestar a docilidade e encanto de Cristo, que vitória está aqui! Tais orações como: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”, proferida pelo nosso Senhor quando os pregos foram cravados, e em meio ao escárnio dos amargurados sacerdotes, ou “Senhor não lhes impute este pecado”, o clamor de Estevão diante da fileira dos seus perseguidores, que o estavam caçando para matar, fez mais para conduzir a causa da verdade à vitória do que qualquer outra coisa. Podemos triunfar sobre nossos inimigos e críticos pelo nosso manejo inteligente de uma situação, ou os silenciarmos com nossa brilhante réplica, mas podemos somente os desarmar e vencê-los pelo amor paciente. O fato de que a perseguição e o sofrimento são o inevitável resultado de seguir Cristo é uma “palavra dura”, e ainda mesmo aqui é alegria, “se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória, o Espírito de Deus” (1 Pe 4:14). Não é, então, para nos enterrar em um buraco, mas para nos alegrar.

Conhecendo muito bem de uma longa experiência pessoal a intensidade do conflito que envolve o embaixador de Jesus Cristo, Paulo deu esta retumbante chamada a Timóteo, seu filho na fé: “Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também fostes chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas” (1 Tm 6:12). Tal chamada somente pode ser dada por um batalhador amadurecido, para quem o ministério é uma luta, e quaisquer outras coisas podem parecer como, uma vitoriosa operação militar bem nas portas do céu.

Foi literalmente das portas do céu que Paulo finalmente olhou para trás para sua longa carreira, e esteve apto, pela graça de Deus, para dizer: “Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Tm 4:6-8).

O amor à Sua vinda não é passivo, emoção sentimental, mas uma absoluta resposta à Sua chamada para batalhar no ministério, em oração, em sofrimento até que sejamos finalmente liberados de nossa responsabilidade, e este dia amanhece quando aquilo que é meramente da terra é eliminado, na manifestação da magnificência da nova criação que Ele tem estado trabalhando todo tempo.

“Há um combate a ser combatido, há uma obra a ser feita, e um inimigo a ser enfrentado antes do por do sol, e a chamada é para ir para o outro lado da terra distante e vasta; quem seguirá o estandarte? Quem está do lado do Senhor?”

“Do outro lado as águas soam das terras distantes, onde o rebelde usurpador mantém o formoso império em agitação; existem cadeias para serem rompidas e almas para serem libertadas; nosso Capitão esta chamando; Ele mesmo assume o comando”.

De todos os lados estamos ouvindo sobre a maldade dos dias em que estamos vivendo, e as dificuldades que rodeiam o serviço cristão. Muitas destas conversas são inconscientemente derrotistas, e engendram uma inerte passividade de perspectiva. Mas João escreve no mesmo capítulo no qual discutimos as atividades do anticristo: “Porque vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia” (1 Jo 2:8). Há um brilho do passado para iluminar nosso caminho, o reflexo da obra acabada, e o poderoso triunfo do Calvário; e adiante de nós está a estrela da manhã do dia eterno. Não devemos nós ver que esta luz penetra o mais profundo do império das trevas; e através do significado do desígnio de Deus da luta do ministério e da oração; e se Sua vontade, perseguição e sofrimento, fazem Sua obra fielmente “até que Ele volte”?

3. O HOMEM CERTO DO NOSSO LADO

Para mim é uma fonte constante de instrução, quando leio as escrituras, notar, o que eu chamo em meu próprio entendimento, suas verdades compensadoras. Para citar um exemplo óbvio, a total depravação e completa incapacidade do homem para se recuperar pelos seus próprios esforços da queda é total e fortemente declarada na Bíblia; mas por outro lado é sempre colocado o “completo, perfeito e suficiente” sacrifício uma vez oferecido para o homem pelo Senhor Jesus Cristo no Calvário. O primeiro fato visto isoladamente pode muito bem levar qualquer homem zeloso ao desespero; mas quando o segundo fato é colocado lado a lado com ele, a expressão de regozijo e maravilha de Paulo deve seguramente se tornar nossa também, “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11:33).

O mesmo princípio opera no caso do incessante conflito que a Igreja é chamada a empreender “contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes” (Ef 6:12). A Bíblia revela com surpreendente clareza o vasto sistema satânico de engano e opressão que sustenta o império em decadência do gênero humano; e quando alguém olha para o mundo como ele está hoje, o caos nas negociações internacionais, as trevas que cobrem os corações da maior parte da humanidade e a prevalecente fraqueza e decepção no meio das Igrejas Cristãs,

são suficientes para assustar o mais firme coração. Por essa razão, o que eu e você precisamos é de uma clara compreensão da maravilhosa verdade compensadora da Vitória do Calvário, e ressuscitar dela a capacidade para trazer uma mensagem positiva para nossos dias e nossa geração.

Aqui está o pleno fato Escritural: O Santo de Deus, que morreu por nós na Cruz, vive como nosso representante no trono da autoridade “assentado à direita da Majestade nas alturas” (Hb1:3). Nos é dito em Filipenses 2:8-11 que Ele “tornou-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”. Isso se harmoniza com as palavras de Jesus para Seus discípulos, “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” (Mt 28:18). A aceitação e atuação à luz deste fato foi o segredo do sucesso alcançado pela Igreja primitiva, e tem sido a inspiração por de trás de toda a vitoriosa invasão à fortaleza das trevas desde então. Martinho Lutero, por exemplo, no primeiro verso do seu grande hino de batalha, revela o poder e destreza de Satanás, e então continua, “Se confiarmos em nossa própria força, nosso esforço seria fracasso; não estivesse ao nosso lado o Homem certo, o Homem escolhido pelo próprio Deus. Pergunte quem pode ser Ele? Cristo Jesus é Ele! Senhor dos Exércitos é o Seu nome, de geração em geração o mesmo; e Ele precisa vencer a batalha”. Sugiro, portanto, que como um primeiro antídoto para o atrapalho e derrotismo, engendrado pela sutileza satânica, que nos ameaça a todos da mesma maneira hoje na obra Cristã, que você mesmo deveria tomar a Bíblia e encontrar todas as passagens que puder que proclamam o Cordeiro de Deus como o Senhor poderoso vencedor, e pedir ao Espírito Santo que torne este fato vivo para você e em você como nunca.

A vida Cristã é cheia de paradoxos. Como pode ser possível estar em conflito quando a vitória já foi conquistada? Ainda assim esta é exatamente a nossa posição. Antes mesmo de ir para a Cruz o Salvador disse claramente, “Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo” (Jo 12:31); e agora Ele diz que a convicção, ou o claro conhecimento, de que o Espírito Santo dará testemunho “Do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16:11). Aqui o verbo está no tempo passado, foi julgado. Isso significa que nós não somente entramos na batalha, certos da vitória no futuro, mas entramos pela fé em um triunfo já completo, que devemos ver em nossas próprias circunstâncias, enquanto lembramos que vitória nem sempre necessita significar livramento do sofrimento. O martírio de Estevão, por exemplo, foi em completa fluência da vitória Divina. Os triunfos da fé vistos em Hebreus 11:33-40 nos dão o equilíbrio deste pensamento. Em alguns casos a conclusão do triunfo do conflito é visto em

maravilhoso livramento, em outros em sofrimento suportado por amor e lealdade a Deus.

Martinho Lutero não estava iludido quanto ao poder e astúcia do inimigo, ele não era um homem de enfiar a cabeça na areia, e dizer “Estes fatos são desagradáveis, fingirei que eles não existem”. Ele foi guiado pelo Espírito Santo à Palavra de Deus, e vendo lá a revelação do Cristo reinante, foi para a batalha na confiança da vitória já conquistada no Calvário, e na força de Alguém mais poderoso do que todos os poderes do inferno.

Devemos por um momento retornar para Filipenses 2, onde me parece recebermos alguma luz muito prática de como deveria ser a nossa atitude em vista da preeminência do nosso Ressurreto Senhor. Lemos no verso 12, “De sorte que, meus amados”, e este “de sorte que” liga o que se segue com tudo o que foi dito nos versos anteriores. “Do modo como sempre obedecestes, não como na minha presença somente, mas muito mais agora na minha ausência, efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo, retendo a palavra da vida” O próprio fato da exaltação do Cordeiro ao “meio do trono” (Ap 5:6) é agora considerado a base na qual todo o avanço na vida Cristã e ousadia no serviço é suprido. Nos é dito que isso deve ser aplicado às circunstâncias das nossas próprias vidas, e que humilde e cautelosamente devemos perceber que Seu triunfo não é negativo, mas manifestado continuamente justamente onde estamos. Devemos manter nossos olhos afastados dos homens e das condições; evitar murmurações e disputas; e através do Espírito que habita em nós nos guardarmos do engano e opressão do inimigo, e dos caprichos da nossa “velha natureza”, para que possamos ser “irrepreensíveis e sinceros”. Não devemos ser vencedores através das trevas, que nos rodeiam, mas sermos luzes brilhantes, que manifestam a glória da Palavra da Vida tanto pelo procedimento como pelo falar.

Muitos de nós enfrentamos problemas que parecem não ter solução, situações que nos confundem mais do que palavras, deficiências em nosso caminhar e experiência, indivíduos que ansiamos ver libertos e trazidos para Cristo mas sobre os quais temos a impressão de sermos fracos para tocar; e acima de tudo existe a grande nuvem da indiferença, pecado e ignorância obscurecendo os corações dos homens a nossa volta, os quais todo nosso esforço para penetrar parecem vãos. Deixemos este fato cair direto no verdadeiro âmago do nosso ser. Em Cristo e só em Cristo está a resposta. Não se engane. Satanás não poupará esforços para lançar um obstáculo entre nós e nosso Senhor; nos manter constantemente correndo atrás do que não é essencial. Mas no Senhor Jesus

Cristo está assentada toda a plenitude e todo o poder, e “nEle temos a plenitude” (Cl 2:10). Nossa atitude nestes dias precisa ser mais e mais “Ó minha alma, espera silenciosa somente em Deus” (Sl 62:5).

Uma rápida olhada em umas poucas passagens em Atos dos Apóstolos nos mostrará como esta atitude era o segredo do poder da Igreja primitiva, e como eles puseram em operação prática o poder do nome de Jesus.

Pedro, afrontado com a impotência humana nos próprios degraus do templo na pessoa do homem coxo, disse “Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho, isso te dou; em nome de Jesus Cristo, o nazareno, anda”. (At 3:6). Subseqüentemente, em sua defesa diante do Sinédrio, falou da cura deste homem nas seguintes palavras, “Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, nesse nome está este aqui, são diante de vós” (At 4:10). A invariável resposta para a necessidade humana deve ser encontrada no nome de Jesus Cristo nosso Senhor.

Saulo de Tarso era “um vaso escolhido”, e lhe foi dada esta comissão: “levar o meu nome perante os gentios” (At 9:15), para cumprir o que nos é dito, que ele “tem exposto a sua vida” (At 15:26). Em Atos 16 verso 18 o vemos face a face com uma vida oprimida pelo maligno, e, em completa simplicidade, usando a autoridade daquele grande Nome, disse “Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela”, e o demônio “na mesma hora saiu”. Atos 19 verso 13 nos mostra que este Nome não é um mero “amuleto”. Quão atados muitos de nós somos a uma “forma de palavras”. Muitas vezes tenho sido questionado, “Como devo orar sobre esta e esta situação”, e o próprio tom de tal pergunta mostra uma verdadeira falta de entendimento espiritual. A única coisa que importa é nosso próprio conhecimento profundo do poder do Nome de Jesus, e um humilde caminhar com Ele, tal que possamos ser ensinados pelo Espírito Santo o momento certo em que devemos proclamar Seu Nome, e ver fortalezas caírem diante dEle. Note cuidadosamente a redação deste verso, “Ora, também alguns dos exorcistas judeus, ambulantes, tentavam invocar o nome de Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega”. Note também a resposta dos demônios para os filhos de Ceva, “A Jesus conheço, e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” A vitória do Calvário é conhecida e temida no reino das trevas, assim como são os que, unidos com Ele em Sua morte e ressurreição, estão também assentados “nos lugares celestiais”. Exceto por esta vital união com Ele, ninguém mexa com os poderes e forças demasiadamente fortes e astutas para a carne e o sangue combaterem.

Vamos encarar os fatos. As torrentes da maldade estão constantemente ascendendo. Somos confrontados com um peculiarmente sutil e devastador avanço dos poderes do mal contra o Cristo de Deus e Sua Igreja. Os próprios eleitos estão

em perigo de engano, e o testemunho do evangelho está ameaçado de desprestígio. Mas o dia da graça finalmente ainda não encerrou e Sua promessa é "eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28:20). Creio realmente nisso? É uma questão que faço muitas vezes a mim mesmo. E você, faz? Se o fizermos então todas as coisas imediatamente se tornam fáceis. A autoridade do Seu nome, o poder do Seu trono e Sua infalível plenitude estão a nossa disposição. É preciso somente que cortemos o acúmulo de doutrinas e atividades não essenciais e nos concentremos no ensinamento do nosso querido professor, Deus o Espírito Santo, de como aplicar esta ampla provisão passo a passo, dia a dia, para todas as situações em nossa volta. Devemos então tanto ver Satanás recuar como experimentar uma tal manifestação da graça de Deus que sob pressão extrema Sua fragrância se espalhará em torno de nós, e o "bom prazer do Senhor prosperará na Sua Mão" (Is 53:10).

* * * * *

O PEREGRINO

POR JOHN BUNYAN

Transcrição do capítulo

"CRISTÃO LUTA COM APOLION NO VALE DA HUMILHAÇÃO"

Apolion – Sou inimigo desse Príncipe. Odeio sua pessoa, suas leis e seu povo. Vim com o propósito de deter você.

Cristão – Apolion, tome cuidado com o que pensa fazer, pois estou na estrada do Rei, caminho da santidade. Trate de tomar cuidado, portanto.

Apolion então, agigantando-se, ocupou o caminho de um lado a outro e disse: – Não tenho um pinga de medo disso. Prepare-se para morrer, pois juro por meu antro infernal que você não seguirá adiante. Aqui tomarei sua alma. E, dizendo isso, atirou um dardo flamejante contra o peito de Cristão. Este, porém, defendeu-se com o escudo que trazia no braço, driblando o perigo. Cristão avançou, pois viu que era o momento de provocá-lo. Apolion também atacou, lançando dardos às saraivadas.

Cristão, mesmo tudo fazendo para evitar as setas, feriu-se na cabeça, na mão e no pé, e diante disso, recuou. Apolion se manteve em feroz ataque, mas Cristão de novo tomou coragem para resistir o mais bravamente possível. O combate, assim acirrado, perdurou por metade do dia, até estar Cristão já quase vencido. Pois há de convir comigo o leitor que Cristão, em virtude dos ferimentos, ficava cada vez mais fraco.

Apolion, então, antevendo a oportunidade, buscou aproximar-se mais de Cristão e, em luta corpo a corpo, jogou-o no chão. Tão terrível foi o golpe que a espada de Cristão voou longe.

– Vou matá-lo agora – berrou Apolion, sufocando-o até quase a morte, deixando-o já sem esperança de vida.

Mas quando o demônio se preparava para o golpe fatal, para dar cabo enfim desse bom homem, Cristão, por graça de Deus, estendeu a mão à espada e a agarrou, dizendo: – "Não te alegres a meu respeito", ó inimigo meu! "Ainda que eu tenha caído, levantar-me-ei" (Mq 7:8).

Desferiu então um golpe fatal, fazendo recuar o demônio, como que ferido de morte. Cristão, apercebendo-se disso, atacou-o novamente, bradando:

– "Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (Rm 8:37).

Diante disso, Apolion abriu suas asas de dragão e afastou-se ligeiro, e Cristão não mais o viu.

Nesse combate, homem nenhum jamais poderia imaginar, a menos que tivesse ele mesmo visto e ouvido como eu, quão horrivelmente Apolion berrava e rugia durante toda a luta. Falava ele como dragão e, do outro lado, quantos não foram os suspiros e gemidos que brotavam do peito de Cristão! Durante esse tempo todo, não percebi no seu rosto nem um só olhar agradável, senão ao perceber que ferira Apolion com sua espada de dois gumes. Então afinal sorriu e ergueu os olhos, mas foi a visão mais apavorante que jamais vi.

Assim, finda a batalha, Cristão falou:

– Dou graças aqui àquele que me libertou da boca do leão (2 Tm 4:17), àquele que me auxiliou contra Apolion. E disse mais:

O grande Belzebu, chefe e rei desse demônio,

Tramou minha ruína; para esse fim medonho

Bem equipado enviou-o, e com fúria infernal

Contra mim se atirou em assalto visceral.

Mas Miguel, bendito seja, me socorreu,

E pela espada fiz debandar o sandeu.

Que a ele eu louve e agradeça eternamente

E sempre bendiga seu santo nome clemente.

E diante dele surgiu uma mão misteriosa que lhe trazia algumas folhas da Árvore da Vida. Cristão as tomou e com elas tratou as feridas que ganhara na batalha, e imediatamente curou-se. Também se sentou ali para comer do pão e beber do vinho que recebera pouco antes. Assim revigorado, retomou a jornada, espada à mão, dizendo: "Não sei se outro inimigo não está por perto". Mas não enfrentou nenhum outro ataque de Apolion em todo o vale.